



Ὁ Μητροπολίτης Μπουένος Άϊρες Ἰωσήφ

NICEIA 325

“ἀφορωντες εἰς τόν τῆς πίστεως ἀρχηγόν”

“Tendo fixo o olhar no autor da fé”¹

HOMILIA

de S.E.R. o Arcebispo Metropolitano de Buenos Aires e da América do Sul, Iosif, por ocasião do Domingo dos Santos Padres do I Concílio Ecumênico.

Ὅλην συγκροτήσαντες, τὴν τῆς ψυχῆς
ἐπιστήμην, καὶ τῷ θείῳ Πνεύματι,
συνδιασκεψάμενοι, τὸ μακάριον, καὶ
σεπτὸν Σύμβολον, οἱ σεπτοὶ Πατέρες,
θεογράφως διεχάραξαν· ἐν ᾧ
σαφέστατα, τῷ Γεγεννηκότι
συνάναρχον, τὸν Λόγον ἐκδιδάσκουσι,
καὶ παναληθῶς ὁμοούσιον, ταῖς τῶν
Ἀποστόλων, ἐπόμενοι προδήλως
διδαχαῖς, οἱ εὐκλεεῖς καὶ πανόλβιοι,
ᾧντως καὶ θεόφρονες.

Tendo reunido toda a ciência da alma, os veneráveis Padres, congregados pelo Espírito Santo, estabeleceram de modo divino o bem-aventurado e augusto Símbolo, no qual ensinaram com clareza que o Verbo-Nascido e o Pai-que-dá-o-nascimento possuem o mesmo princípio e são verdadeiramente consubstanciais, seguindo de maneira inabalável — e verdadeiramente com consciência divina — os ensinamentos dos apóstolos, como o fizeram os gloriosos e veneráveis Padres.

Dos Ainos² da festa.

¹ HB. 12:2.

² NT - Na tradição litúrgica bizantina, os Ainos (ou Louvores) são os versículos com estiquiras (estrofes) cantados nas Matinas, imediatamente antes da Doxologia. A frase “De los Ainos de la fiesta” indica que o texto citado pertence a esse momento do ofício, específico para a celebração em questão — neste caso, a festa dos Santos Padres do I Concílio Ecumênico.

Hoje, em nosso caminho rumo à grande festa de Pentecostes, celebramos o Domingo dos Padres que constituíram o I Concílio Ecumênico em Niceia, por volta do ano 325. Esta celebração ressoa de maneira especial neste ano, pois nós, cristãos, comemoramos os 1700 anos desde aquele **evento-chave** na bimilenar história da Igreja.

Evidentemente, podemos nos aproximar deste evento a partir de diversos pontos de vista – como o histórico, o dogmático, o eclesiológico, o canônico – todos eles constitutivos do que hoje denominamos, de forma genérica, “teologia”. E, por isso, poderia parecer que este aniversário é algo exclusivo dos “teólogos” ou do “clero”. No entanto, **não é assim**. Na verdade, na Igreja Ortodoxa, celebramo-lo todos os anos, no domingo que precede a festa de Pentecostes.

Mas que importância tem este evento na vida de todos os cristãos, passados 1700 anos? Que relevância tem Niceia para nós, cristãos ortodoxos do século XXI na América do Sul?

Creio que Niceia continua atual porque, como naquele tempo, a **deturpação da Verdade – da Revelação do Deus Uno e Trino – permanece tão ativa quanto então**. Nesta época em que o relativismo, o pragmatismo e o niilismo, em todas as suas possíveis combinações, abundam e dominam a cena ideológica, cultural e espiritual do ser humano, a relativização, a manipulação e o esvaziamento da Verdade são fatores que, sem dúvida, impactam diretamente nossa maneira de ser, pensar, sentir, perceber e, naturalmente, agir. A tudo isso se soma o vertiginoso – e maravilhoso – avanço da ciência que, nessas condições, nesse ambiente envenenado, corre o risco de ser utilizado de forma, no mínimo, imprópria, e até mesmo perigosa.

Niceia é a expressão da experiência e, conseqüentemente, da consciência mais íntima da comunidade cristã legítima, naquilo que ela tem de universal: **Jesus é o Cristo; Jesus é Deus; é consubstancial – ὁμοούσιος – ao Pai; é Incriado (ὁὐ ποιηθείς); por meio d’Ele tudo foi criado; e, porque é o Logos de Deus, realiza por nós e para nós a Economia Divina, a fim de que, enfim, sejamos levados à perfeição.**

Por outro lado, se Jesus, o de Nazaré, não é Deus, não é *“da mesma essência do Pai”*, não é *“Luz da Luz”*, *“Deus verdadeiro de Deus verdadeiro”*, então não há salvação, não há redenção, não há transcendência. Mas muitos se perguntarão: de que precisamos ser salvos? Por que temos de ser redimidos? O que é a salvação?

Desde a teologia ortodoxa, quem responde a esta pergunta é Santo Atanásio, o Grande: *“Aquele (o Logos Divino) se fez humano para que nós nos*

*torne-mos deuses*³ — *Αὐτός γάρ ἐνηνθρώπησεν, ἵνα ἡμεῖς θεοποιηθῶμεν...*⁴ Neste contexto ortodoxo, **salvação, redenção e perfeição são sinônimos**. Como bem esclarece o grande N. Matsoukas⁵, a encarnação do Logos na Igreja Ortodoxa não está subordinada exclusivamente à realidade da queda de Adão e Eva, e, conseqüentemente, a categorias éticas ou legalistas⁶, mas deve ser compreendida dentro dos pressupostos teológicos próprios da Ortodoxia⁷ — os quais diferem de outras teologias, como tantas vezes temos enfatizado — começando já pela própria forma e metodologia de fazer teologia. Assim, a centralidade absoluta da história da Economia Divina não é a queda de Adão e Eva, mas a encarnação do Logos Divino; por isso, devemos procurar ter o nosso olhar fixo no Cristo, princípio e fim da nossa fé, daquela experiência única de vida que nos abre o horizonte para o Eterno⁸.

Os Padres do I Concílio Ecumênico reuniram-se para dar uma resposta concreta, sistêmica e categórica à doutrina de Ário. Evidentemente, nesta homilia não posso entrar em muitos detalhes sobre essa crença. Resumindo, pode-se dizer que Ário considerava o Logos Cristo como criação de Deus — *ἦν πότε ὅτε οὐκ ἦν* — a primeira criatura de Deus, uma entidade intermediária entre Deus e a restante criação, um homem superior que alcançou a perfeição **ético-moral** por meio da perfeita submissão à vontade do único Deus. Conseqüentemente, para Ário, Jesus, **o Cristo, não é Deus**.

Alguns pensadores modernos acreditam que Niceia foi um conciliábulo onde se criou de propósito a doutrina da divindade de Jesus Cristo. **Isso é falso!** Os Padres de Niceia simplesmente **detalharam, definiram e expressaram** de forma autoritativa — na qualidade de sínodo — a **experiência** e a **consequente consciência** da comunidade legítima dos fiéis cristãos como um todo, ou seja, de modo “católico” — universal. **Sempre precede a experiência**, e sobre essa experiência⁹ dos profetas, apóstolos, mártires, apologetas e demais testemunhos vivos — parte ativa e diacrônica dessa comunidade relacional — os então sucessores dos testemunhos oculares proclamam **a mesma fé que já existia, era vivida e era empiricamente experimentada pela comunidade cristã há séculos**.

³ A outra tradução, talvez mais literal: “Aquele, pois, se encarnou para que nós nos divinizássemos”. Preferi colocar no texto aquela que diria ser mais crua e explícita, a fim de acentuar o poder da encarnação, bem como o objetivo de toda a obra redentora do Logos desde a criação até as últimas coisas. Desde já esclareço que ambas as traduções são identificáveis e possuem o mesmo sentido.

⁴ SANTO ATANÁSIO, O GRANDE, Sobre a Encarnação do Logos, §54, PG 25, 192B..

⁵ NIKOS MATSOUKAS, *Dogmática y Simbólica II*, Pournarás, Tessalônica, 1996, pp. 202-204.

⁶ Como A “filosoffa” ariana.

⁷ Distinção criado-increado; distinção essência-hipóstase-energias no Sistema Trinitário; necessidade ontológica da participação do criado nas energias increadas; criação do homem à imagem e semelhança do Logos Divino.

⁸ Hb. 12:2

⁹ Subjetiva do ponto de vista pessoal, objetiva do ponto de vista coletivo, na medida em que pode ser comprovada. Por isso, a metodologia da teologia ortodoxa é apodíctica — provável e verificável..

Nenhuma invenção, portanto, nenhuma criação, nenhuma elucubração, nenhum acrobático filosófico, nenhuma entelequia sucede neste evento por excelência eclesial. O processo sinodal, baseado na metodologia teológica da Igreja, simplesmente **recolhe, esclarece e proclama** qual é a doutrina¹⁰ reta — “a ciência da alma” — sempre *ἐπόμενον τοῖς ἀγίοις Πατράσι*, a fim de salvaguardar a continuidade relacional — e, conseqüentemente, **salvífica** — baseada exclusivamente na revelação — *apocalipse* — de Deus aos homens.

A importância de Niceia hoje é fundamental. Diante de tantas **manifestações neo-arianistas** atuais, estruturadas desde ideologias ético-moralistas recalcitrantes até seus antípodas — também inflexíveis e intolerantes — ou mesmo a partir de uma negação frontal, nós, cristãos ortodoxos, temos um **ponto de referência inevitável**, eu diria, que nos garante de maneira concreta e viva a veracidade da nossa fé, da nossa vivência, da nossa experiência aqui e agora.

Niceia, portanto, adquire valor em nossa vida quando **está em consonância** com nossa experiência cotidiana, ou seja, quando existe uma **coerência e coesão** entre o que vivemos e o que proclamamos neste símbolo eclesial. O símbolo original, fruto do Sínodo, começa com a palavra “**cremos**”: para nós, é idêntico a dizer “**vivemos**”: **cremos porque vivemos; e vivemos porque cremos**; todos juntos, como sinaxe, como comunidade, como corpo relacional, como humanidade latentemente redimida e aperfeiçoada.

Existe alguma fé que se diferencie, que se destaque, do modo de vida daquele que crê? Uma incoerência desse tipo é sintoma de um comprometedor desarranjo na dinâmica espiritual do ser humano. Nosso Senhor Jesus Cristo resumiu isso de forma magistral: “*Então falou Jesus ao povo e a seus discípulos, dizendo: Na cadeira de Moisés se assentam os escribas e os fariseus. Portanto, tudo o que eles vos disserem que guardem, guardai e observai; mas não façais conforme as suas obras, porque dizem e não fazem.*”¹¹ (Mateus 23, 1-3)

À **hipocrisia** eventualmente sucede a **heresia**, sobre a qual já falamos oportunamente em outras homilias. Ambas as patologias espirituais evocam a **negação** da Verdade e, conseqüentemente, a privação do relacionamento, bem como a conseqüente cisão do Corpo e um isolamento potencialmente letal e irreparável.

Essa **coerência** entre fé e experiência é **intrínseca**, mas também **dinâmica**, pois nossa vida se realiza entre os limites da eventualidade e sua necessária superação. Contudo, **essa fé e essa experiência são a garantia de**

¹⁰. Que não é uma mera crença nem uma teoria, mas a voz autoritativa da plenitude da comunidade, expressa por meio de seus legítimos órgãos, a fim de evitar a tergiversação da Verdade e a conseqüente cisão e ruptura.

¹¹. Mt. 23: 1-3.

que o germe do Absoluto, do Eterno, do Transcendente – do Reino de Cristo – está brotando em nós e produzindo frutos conforme nossa receptividade.

Essa fé e essa experiência – a dos profetas, apóstolos, mártires, ascetas e demais amigos de Deus – unida à nossa, é a garantia de que a continuidade que nos alcança – a *Traditio* – é única, mas não uniforme; ao contrário, é criativa e perfeccionadora; de que a doutrina e o dogma não são proclamações ou axiomas impostos arbitrariamente por uma elite, mas a expressão lógica da experiência e da consciência de todos os cristãos; de que a fé não é mera crença, mas plena segurança, certeza e prova das coisas que não se veem; de que a Igreja não é uma mera instituição religiosa, mas toda a humanidade redimida e em caminho de perfeição em Cristo; de que a Ortodoxia não é uma ideologia, um mecanismo fechado ou uma simples postura inflexível, mas o livre apego à Verdade, que nasce de uma espiritualidade saudável, por excelência relacional; e, finalmente, de que o Cristianismo não é uma mera religião, mas o *apocalipse* do Deus Unitrino, que continuamente se dá, se compartilha e se revela para que possamos participar cada vez mais dos seus progressos increados e, assim, ser partes ativas e criativas do Seu Reino aqui e agora.

Desejo que as reflexões e todas as manifestações festivas que se realizarem durante o restante deste ano, em memória desse evento eclesial de há 1700 anos, possam reavivar em cada um de nós, de maneira legítima, a Ortodoxia da fé cristã, que nos impulsionem a aprofundar essa fé e sua correspondente experiência – e vice-versa – fundamentadas exclusivamente na pessoa do Cristo Teantropo.

Afinal, Niceia, assim como todos os concílios ecumênicos, resume-se em atualizar aqui e agora o Cristo Vivo em cada um de nós, e no Corpo Místico, com a mesma intensidade com que o experimentaram seus testemunhos – profetas, apóstolos, mártires, apologetas, ascetas e todos os seus amigos, que ao longo dos séculos tomaram seu próprio rosto e, por isso, se chamam cristãos. Amém.